

Introdução

O título que demos a este artigo resume bem nossas intenções com sua composição, já que queremos nas próximas páginas expor a evolução da profecia bíblica ao longo das páginas do Antigo Testamento. Mas também podemos admitir que este mesmo título apresenta problemas, os quais devem ser mencionados desde já. Acontece que é um paradoxo a tentativa de contar a história da profecia bíblica de maneira breve. Na verdade, a história da profecia bíblica não é nada breve, e seria impossível que nestas poucas páginas de que dispomos conseguíssemos desenvolvê-la satisfatoriamente. Portanto, temos de delimitar nosso objeto de pesquisa dentro do grande tema que é a história da profecia bíblica.

Primeiro, nós nos limitamos à Bíblia, pois é provável que alguém interessado em profecia logo questione que nossa exposição não leva em consideração as manifestações proféticas fora do antigo Israel e da literatura reunida na Bíblia. Quer dizer que nos ocupamos apenas dos registros das manifestações proféticas preservadas nas páginas da Bíblia, ainda que o *status* de livro canônico não tenha grande importância nesta decisão. Eis, então, nosso primeiro limite: só abordaremos a profecia que se pode encontrar entre os textos bíblicos.

Em segundo lugar, nossa abordagem não é tão “histórica” quanto se poderia imaginar a partir de nosso título. Não temos a intenção de investigar com profundidade a origem da profecia israelita nem todas as variantes de seu desenvolvimento. Na verdade, o que

¹ O autor é mestre em Ciências da Religião (Literatura e Religião no Mundo Bíblico) pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Bíblia (com ênfase na tradição profética) pela mesma universidade, e bacharel em música (violão erudito) pela Universidade Cruzeiro do Sul. Currículo Lattes disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>>.

procuramos é identificar os aspectos essenciais da profecia em Israel com base em algumas amostragens tiradas da literatura pré-exílio, isto é, do século VIII a.C. Depois, vamos também identificar as características da profecia posterior, que vai aos poucos ganhando contornos apocalípticos. Veremos que no período pós-exílio e nos dias do Novo Testamento a profecia fora praticamente substituída por esse seu desenvolvimento, que é a literatura apocalíptica. Assim, queremos estudar duas formas de profecia que estão de certa maneira ligadas pela história e que sem dúvida delineiam a composição de grande parte do Antigo Testamento. Esperamos que tal análise forneça ao leitor chaves de leitura para que se tenha melhor acesso aos textos bíblicos que se relacionam a esta tradição profética, e este objetivo não é sinônimo de divulgação de conhecimento histórico.

Por fim, vale mencionar abertamente que não somos historiadores, mas biblistas, e que em decorrência disso nosso trabalho demonstrará uma preocupação exegética, voltada para a leitura de alguns poucos exemplos tirados da Bíblia. Não serão os fatos históricos, os personagens, os grupos sociais ou as cronologias que guiarão nosso raciocínio, mas a interpretação dos documentos literários deixados por eles, as passagens bíblicas que nos parecem capazes de demonstrar, ao menos parcialmente, como se deu o processo evolutivo da prática profética.

Profecia: o carisma em busca de justiça

Os profetas propriamente ditos, aqueles que caracterizaram a porção da Bíblia que nós chamamos de “profetas”, atuaram principalmente a partir do século VIII a.C. Pelo menos é nesse período que costumamos datar a atividade dos primeiros profetas literários do Antigo Testamento.² Antes deles, personagens do Antigo Testamento que posteriormente foram associados à atividade profética eram conhecidos como “videntes”,³ carismáticos que supostamente possuíam um contato especial com divindades e podiam conhecer e às vezes até fazer coisas que os homens comuns não conheciam ou faziam. Esse parece ser o caso, por exemplo, do influente Samuel, que marca um período de transição

² Veja a divisão do cânon hebraico e quais livros estão entre os profetas posteriores ou literários em: GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. *A Bíblia como literatura*. p. 74.

³ GUNNEWEG, A. H. J. *Teologia bíblica do Antigo Testamento*. p. 236-237.

bastante significativo para a história da profecia bíblica, pois coincide com sua atuação a instituição da monarquia em Israel.⁴

Essa mudança política (do tribalismo à monarquia) influenciaria definitivamente a linguagem religiosa nacional, pois foi da crise entre a fé e as práticas políticas, militares e econômicas dos reis que se forjou a profecia bíblica. Outros personagens populares desse novo momento na história da profecia bíblica são Elias e Eliseu, chamados por alguns biblistas de “profetas de ação” ou mesmo “magos”,⁵ pois, diferentemente dos profetas que atuaram a partir do século VIII a.C., eram essencialmente milagreiros que não tiveram sua mensagem preservada em forma escrita a não ser séculos depois das suas mortes. A história desses profetas foi preservada parcialmente através da tradição oral, que testemunhava de uma geração a outra suas milagrosas atuações, que, de maneira “lúdica”, falavam ao povo comum e às lideranças políticas e religiosas sobre as vontades de Deus. Por conta disso, no cânon hebraico os livros que registram os atos de Samuel, Elias e Eliseu não são considerados históricos (como normalmente são classificados hoje em dia), mas chamados de livros proféticos. Para distinguir esses livros proféticos dos demais, dizemos que eles são “profetas pré-literários”.

Fortemente marcados pela realidade opressora imposta pela administração de uma monarquia (que tirava do povo comum, dependente quase que completamente da agricultura ou da criação de animais, os recursos para suprir sua abastada corte e seu exército), o discurso profético passa a ser cada vez mais uma forte crítica contra reis e outras autoridades. Os profetas de Israel rejeitam o sistema monárquico como uma maneira idólatra de conduzir a nação e veem como ideal o retorno ao sistema tribal, no qual o próprio Javé os governava e livrava dos inimigos. Essa crítica ao Estado se tornaria a principal característica da profecia bíblica, até mesmo muito mais presente do que as previsões futuristas que hoje são tão destacadas por aqueles que falam a respeito dos livros proféticos da Bíblia.

A atividade profética, então, cresce na mesma proporção que as antigas tradições e leis religiosas que preservavam a família e a subsistência do camponês se deterioram sob as

⁴ Na verdade, até o período da dominação persa (após 538 a.C.) o termo profeta não era usado para designar nenhum dos personagens hoje chamados profetas. Amós mesmo rejeita o título em Am 7,14. Cf. SCHWANTES, M. Profecia e Estado:.... p. 107-110.

⁵ CROSSAN, J. D. *O Jesus histórico*;.... p. 173-177.

exigências do regime monárquico. Profetas como Amós, Oseias e Isaías nascem de um período de crise intensa, que resultaria na destruição do país pelas mãos dos assírios (Reino do Norte) e babilônios (Reino do Sul). A mensagem desses profetas pré-exílicos girava em torno da idolatria dos reis, da injustiça social exacerbada, da violência contra os fracos e da desintegração da religião dos antepassados. A vitória dos impérios inimigos seria interpretada pelos profetas como consequência desses pecados, não pela superioridade militar evidente nem pelos interesses políticos das nações. Os profetas que, observando as circunstâncias, predisseram a destruição ganham prestígio, parte de suas palavras são registradas por escrito e com o passar do tempo tornam-se sagradas entre o povo.

Mas devemos destacar que também durante o exílio babilônico a atividade profética não cessou, como testemunham os livros de Jeremias e Ezequiel, por exemplo. Agora, como já não há templo, reis ou exércitos, as ameaças proféticas voltam-se contra a orgulhosa Babilônia. O discurso dos profetas mostra-se versátil nesse período e vemos que, além de apontar erros e ameaçar estruturas de poder, os profetas também transmitem esperança para os fracos israelitas. A fé em Javé, que antes estivera estreitamente ligada à rotina do templo em Jerusalém, é revista, e são os profetas que transmitem aos exilados ou miseráveis deixados na devastada terra natal a esperança de que um dia sua nação seria vingada e restaurada por um Deus justo, que não os abandonara, mas punira por conta de seus próprios pecados.

Um assunto delicado que vamos mencionar apenas de passagem é o cumprimento ou não das profecias bíblicas. Não se pode afirmar que todas as previsões proféticas se cumpriram com fidelidade, mostrando que a linguagem profética, assim como toda linguagem religiosa, é composta de elementos humanos e não somente transcendentais. É verdade que há leitores fundamentalistas que procuram provar a veracidade de cada profecia bíblica: para isso datam de maneira equivocada os textos bíblicos,⁶ procuram eventos históricos que de alguma maneira possam ser relacionados aos textos⁷ e adiam para

⁶ Um exemplo é a menção a Ciro no Segundo Isaías. Hoje, sabemos que o Livro de Isaías foi composto em diferentes períodos, e que os textos que se referem a Ciro nos capítulos 44-45 são de uma redação tardia, quando já se conhecia esse suposto libertador. Portanto, tais textos não são originários do profeta Isaías do século VIII a.C. e não podem ser lidos como previsões futurísticas.

⁷ O que fazemos é exatamente o que os evangelistas fizeram ao interpretar as profecias veterotestamentárias através de Jesus. Os textos, naqueles dias, já eram interpretados como se estivessem anunciando o Messias, e então são criadas narrativas fictícias em que Jesus cumpre essas

o futuro aquelas profecias que não encontram qualquer realização.⁸ Por outro lado, os profetas também predisseram verdades, e eventos – como o fim do exílio, a ascensão do Império Medo-Persa, a reconstrução de Jerusalém e do seu templo, fatos que consolidavam cada vez mais a tradição profética em Israel e legaram a essa literatura o *status* canônico. Diríamos que profetas são homens que cometem equívocos, mas que possuem um conceito elevado da divindade e uma percepção de mundo apurada, e a junção dessas características permite-lhes atuar como porta-vozes de Deus entre o povo.

A função das profecias, portanto, é religiosa, quer transmitir esperança, quer gerar fé, quer combater a injustiça e instigar a reação por parte dos mais fracos. Discussões sobre historicidade só nos conduzem para longe dos objetivos dessa literatura.

Uma informação importante é a de que o fim da monarquia em Israel e Judá coincide com o fim daquela profecia clássica. Os tempos mudaram e com eles também mudou a linguagem profética, como veremos adiante. Só temos de salientar, por fim, a forte ligação que há entre a profecia bíblica e o regime monárquico, como notou Milton Schwantes: “[...] profecia e reinado surgem juntos, conflituam juntos e juntos desaparecem. É como se a existência de um condicionasse a do outro [...]”.⁹

Características da profecia pré-exílica

Vamos, agora, refletir brevemente sobre um texto bíblico que serve como exemplo para o estudo das características da profecia pré-exílio. Vamos ler Am 3,9-12 tecendo alguns comentários sobre o sentido do texto e, a seguir, poderemos enumerar, para facilitar a memorização do leitor, quais são as características essenciais da profecia bíblica:

⁽⁹⁾ Fazei ouvir isto nos palácios de Asdode e nos palácios da terra do Egito e dizei: Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria e vede os grandes alvoroços no meio dela e os oprimidos dentro dela. ⁽¹⁰⁾ Porque não sabem fazer o que é reto, diz o SENHOR, entesourando nos seus

profecias, mas hoje, quando lidos com exigências históricas, esses textos deixam a desejar (por exemplo: Mt 2,13-18). Em todas as gerações, a história é moldada, narrada em conformidade com nossas expectativas, e assim todas as profecias se cumprem, muitas delas em diferentes eventos.

⁸ Referimo-nos, aqui, a anúncios como o julgamento das nações, o dia do Senhor, o reino milenar, os abalos cósmicos apocalípticos, a vinda do Anticristo, a volta de Jesus... Todos esses anúncios eram esperados para breve e não se cumpriram. Para não descartar as profecias, nós simplesmente atribuímos novas datas para seu cumprimento, mantendo a expectativa e a esperança de transformação vivas por meio delas.

⁹ SCHWANTES, Profecia e Estado:..., p. 115.

palácios a violência e a destruição. ⁽¹¹⁾ Portanto, o Senhor JEOVÁ diz assim: Um inimigo surgirá, e cercará a tua terra, e derribará a tua fortaleza, e os teus palácios serão saqueados. ⁽¹²⁾ Assim diz o SENHOR: Como o pastor livra da boca do leão as duas pernas ou um pedacinho da orelha, assim serão livrados os filhos de Israel que habitam em Samaria, no canto da liteira e na barra do leito.¹⁰

O dito profético em questão começa com um vocativo, um chamado aos povos estrangeiros para que vejam as injustiças que existem dentro de Samaria (v. 9). Na verdade, tal chamado é simbólico, pois o profeta evoca nações consideradas inimigas e idólatras para que se admirem da maldade do povo de Israel. Ironicamente, os pecadores deveriam se colocar nos montes de Samaria, que serviriam como arquibancadas, para assistir, admirados, o que acontecia exatamente na capital do Reino do Norte. As injustiças, é bom dizer, não são executadas por toda a nação, mas pelas elites. A acusação, então, é contra o rei, sua corte, seu exército e os sacerdotes de Samaria, os típicos habitantes da minoritária zona urbana.

Que tipo de injustiças são essas de que se está falando? No v. 9, vemos que havia pessoas oprimidas em Samaria e, no v. 10, o profeta diz que havia violência e destruição acumuladas nos palácios. Se a classe opressora é a elite já mencionada, os camponeses só podem ser a classe oprimida. Trata-se da cobrança de tributos dos campos para alimentar as instituições estatais; da imposição de trabalhos forçados para a construção de palácios, estradas, pontes, muralhas, templos etc. Trata-se das moças jovens tiradas de suas famílias para servirem como escravas e em haréns, dos acordos comerciais internacionais que aproximavam o povo da idolatria e dos casamentos inter-raciais, que desconsideravam a religiosidade popular por benefícios estrangeiros etc. Assim, a classe camponesa era, por diferentes meios, explorada pela elite monárquica, que, supostamente, cuidava dos interesses da nação.

Tais coisas não estavam acontecendo somente porque aquele rei era cruel ou ganancioso, tais desumanidades eram o preço da monarquia. O sistema por si mesmo gerava desigualdade e injustiça. Por fazer também parte da classe camponesa e por sua própria teologia, Amós entendia que Deus não estava de acordo com isso, e começava a

¹⁰ As traduções bíblicas citadas ao longo deste trabalho correspondem à versão Almeida revista e corrigida.

anunciar o fim inevitável desse sistema injusto. Para ele, Deus não poderia aceitar tais coisas e logo acabaria intervindo na história, e esse era, em resumo, seu dito profético.

Notemos que o profeta não está, neste exemplo, baseado somente em experiências extáticas. Deveras, ele prevê a queda do Reino do Norte com base naquilo que vê e em sua particular interpretação da realidade. A destruição não viria por uma chuva de fogo do céu, mas através de um inimigo, um exército, para sermos mais claros. Obviamente, ele já ouvira falar da Assíria e do seu progresso como império, já sabia quão violenta era a ação desse império quando invadia outras nações, e habilmente o profeta incluiu tudo isso em sua interpretação teológica do porvir, como lemos no v. 11. Sua previsão é a de que sobraria pouco daquela Samaria injusta; a queda da cidade seria um ato de justiça divina, segundo Amós.

A profecia, de modo geral, se cumpriu quando o ascendente Israel (Reino do Norte) caiu sob a invasão assíria em 522 a.C. Possivelmente, conhecidos de Amós preservaram suas visões e ditos através da tradição oral e pequenos fragmentos de argila, até que alguém letrado de uma geração posterior juntou essas antigas memórias num rolo. Com o fim do Reino do Norte, a profecia de Amós entrou para a história, e é a partir dessa típica mensagem profética quase toda originada antes da invasão da Assíria que vamos enumerar algumas das características da profecia do século VIII a.C.:

- 1) A profecia é local, não prioriza em sua fala o mundo ou o universo inteiro. Antes, sua preocupação é a nação ou, no máximo, os países vizinhos. Como bem escreveu Milton Schwantes, “[...] a profecia tem hora e lugar, não sendo doutrinária ou eternizante, mas concreta e temporal”.¹¹ No exemplo que lemos, o profeta fala somente de Samaria.
- 2) A profecia nasce da oralidade, e o profeta anuncia as visões e oráculos oralmente ao povo ou a um grupo específico. Se temos profecia escrita, é porque depois da atuação do profeta alguém comovido pela mensagem a registrou por escrito (mas não sem dar ao texto seus toques pessoais), como nos prova uma análise mais cuidadosa da redação de livros como o de Amós.

¹¹ SCHWANTES, Profecia e Estado:..., p. 115.

- 3) A preocupação da profecia é principalmente social, isto é, ela lida com a pobreza, com a violência, com a injustiça, e com base no caráter de Deus, que é justo, prevê uma ação divina para alterar o rumo dos acontecimentos e punir os culpados naquela região específica. Em nosso exemplo, a monarquia, conforme Jeroboão II a conduzia no Reino do Norte naqueles dias, é o que deveria ser transformado na opinião do profeta.¹²

O desenvolvimento da profecia: a apocalíptica

A Assíria devastou o Reino do Norte (Israel) em 522 a.C., que nunca mais tornou a existir. Depois, a Babilônia dominou o Reino do Sul (Judá) em 587 a.C., impondo à parte de sua população um exílio que perdurou por décadas. No período pós-exílio, Judá ficou sob o governo de impérios estrangeiros, e profetas como Miqueias, Ageu e Malaquias atuaram principalmente como motivadores, incentivando o povo na reconstrução do Reino do Sul, não apenas das cidades, muralhas e templos, mas também da religião nacional. A promessa de Ageu de que a glória do segundo templo seria maior do que a do primeiro (Ag 2,9) e a exortação de Malaquias para que o povo voltasse à religião dos antepassados ao entregar os dízimos no Templo de Jerusalém (Ml 3,7-12) podem bem ser interpretadas como sinais do comprometimento de alguns profetas do período pós-exílio com a reconstrução de um sistema religioso extinto que seus antecessores condenaram. Tais esperanças só se explicam quando se olha devidamente para um povo que sofre debaixo da dominação estrangeira e que de maneira saudosista acredita que seus antepassados eram mais felizes por possuírem ao menos essa independência.

As circunstâncias políticas realmente não foram melhores para o povo deste período do que haviam sido para seus pais e, seguindo a tradição, porta-vozes religiosos continuaram confrontando a realidade com o seu mundo ideal e sonhando com mudanças. Deus se mantém no foco das expectativas, é ainda o grande responsável pelo fim das opressões, mas a maneira de agir de Deus foi radicalmente transformada nessa nova fase da religiosidade judaica. A transformação milagrosa da realidade opressora ainda se dá a partir de uma intervenção divina no cenário político, mas agora a transformação não é local ou

¹² Jeroboão II reinou em Israel entre 787 e 746 a.C., e nesse período fez o reino prosperar politicamente, como se lê em 2Rs 14,23-29, ainda que na ótica popular tal prosperidade fosse opressão. Cf. SCHWANTES, M. *A terra não pode suportar suas palavras*;.... p. 16.

nacional, é universal. Naqueles dias o povo não se sentia oprimido pelo próprio rei, mas por um império cuja capital ficava muito distante, por um líder cuja face desconheciam, cujo idioma ignoravam, cuja força não eram capazes de medir, e que por tudo isso podia ser ainda mais temível. Não era possível apontar o dedo a este ou àquele opressor como haviam feito os profetas do século VIII, nem seria possível chegar diante do inimigo com suas reivindicações e oráculos: o inimigo, agora, parecia dominar o mundo todo e só mesmo o Deus Criador, através de uma intervenção cosmologicamente catastrófica, seria capaz de derrubar tal inimigo definitivamente.

Esses são alguns dos elementos fundantes da nova forma de profecia, a chamada literatura apocalíptica. O fim da monarquia simplesmente impossibilitava a manutenção da linguagem profética tradicional, e essas novas gerações de visionários, como era de se esperar, começavam a transformar a antiga tradição de acordo com um novo tempo. Obviamente, a transição entre profecia e apocalíptica não se deu de uma hora para outra, mas foi gradual e chegou ao auge no período chamado “interbíblico”, que legou ao Antigo Testamento o mais apocalíptico de todos os seus livros, que é o Livro de Daniel. É bom dizer que o nome “apocalíptica” só surgiu bem depois, a partir da influência do livro neotestamentário que chamamos de “Apocalipse de João”, escrito entre o final do primeiro e início do segundo século d.C. Ou seja, foi o Apocalipse de João, o último livro do nosso Novo Testamento, que deu nome ao gênero literário que o antecedia.¹³

Características da literatura apocalíptica

Até o exílio, os profetas limitavam suas críticas e ameaças quase sempre à própria nação, e suas expectativas de futuro diziam mais respeito às revoluções no campo político do que ao destino da humanidade. Além disso, os profetas clássicos geralmente transmitiam suas mensagens oralmente, eram pregadores de um mundo analfabeto, razão pela qual os livros proféticos são em grande parte obras das penas dos seguidores dos profetas, que às vezes só registraram suas memórias gerações mais tarde. O apocalipsismo ampliou os horizontes da profecia e anunciou o julgamento de Javé tanto a Israel quanto às demais nações: era o fim catastrófico que alcançaria tanto justos quanto ímpios, inaugurando uma nova era de justiça. Outra característica do apocalipsismo bíblico é que os apocalípticos, em

¹³ NOGUEIRA, P. A. de S. *O que é apocalipse*. p. 11-13.

geral, não eram oradores, mas escritores, e em suas obras passaram a fazer uso abundante de imagens e linguagens simbólicas que muitas vezes eram incompreensíveis.

Leiamos, para ilustrar o que estamos dizendo, a primeira parte de Is 24, que é um texto seguramente pós-exílio, isto é, escrito num período bem posterior à atuação do profeta Isaías de Jerusalém, que deu nome ao livro. Seus primeiros três versículos são exemplo de como se dava a transição entre profecia e apocalíptica:¹⁴

(¹) Eis que o SENHOR esvazia a terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores. (²) E o que suceder ao povo sucederá ao sacerdote; ao servo, como ao seu senhor; à serva, como à sua senhora; ao comprador, como ao vendedor; ao que empresta, como ao que toma emprestado; ao que dá usura, como ao que paga usura. (³) De todo se esvaziará a terra e de todo será saqueada, porque o SENHOR pronunciou esta palavra.

Notemos como agora não é Samaria ou Israel que passará por um período de transformação violenta. A terra toda será desolada, e todos os seus moradores sofrerão as consequências dessa transformação, tanto os opressores quanto os oprimidos. Também não é a Assíria ou qualquer agente humano o instrumento desse evento, mas um verdadeiro milagre, um agir próprio da divindade.

É verdade que aqui temos apenas alguns dos elementos que constituem a literatura apocalíptica, pois, como já afirmamos, esse é um texto que exemplifica um período transitório da linguagem religiosa judaica. Mesmo assim, vamos seguindo enumerando as principais características da apocalíptica, tanto as já aparentes em Is 24 como aquelas que ainda se desenvolveriam:

¹⁴ O profeta Isaías atuou por volta de 740 a.C., mas outros escritores tiveram suas palavras unidas às destes até aproximadamente o ano 400 a.C. Em geral, dizemos que há três Isaías dentro deste livro: o primeiro, dos capítulos 1-39, pertence aos dias do profeta de Jerusalém. Do período do exílio provém o Segundo ou Dêutero-Isaías, dos capítulos 40-55. Os capítulos restantes (56-66) são de um período pós-exílio, após a repatriação de Judá segundo o decreto de Ciro, o imperador persa, em 538 a.C. Convencionou-se chamar o autor do último bloco de Terceiro ou Trito-Isaías. Contudo, mesmo essa classificação ainda é simplória demais para explicar a composição do grande complexo literário que é este livro. Há, ainda, diversas outras passagens que claramente são anexos posteriores, e os capítulos 24-27 estão entre esses casos. Cf. CROATTO, J. S. *Isaías vol I: 1-39*;... p. 147.

- 1) A apocalíptica é mais textual do que oral. Os apocalípticos já escreviam suas visões e não as divulgavam apenas oralmente, como os profetas, embora eles mesmos ainda pudessem se considerar profetas.
- 2) A apocalíptica costuma apresentar viagens celestiais que os visionários têm em momentos de êxtase. Ou seja, o que narram nos textos são supostamente revelações recebidas involuntariamente de coisas celestiais. Contudo, discute-se muito se há realmente um evento visionário por trás de obras como o Apocalipse de João, pois há muitas evidências de ser uma obra literária planejada conscientemente pelo seu redator, e não o perfeito relato de uma viagem celestial. Todavia, negar qualquer evento extático por trás dos apocalípticos é negar-lhes todo caráter de revelação em que se inspiram.
- 3) A apocalíptica é universal, não local. Quando Deus intervém apocalípticamente na história, não muda uma nação, não troca um governo, mas acaba com a terra e todos os seus moradores, sejam eles bons, sejam maus. Isso é sinal de um pessimismo em relação ao mundo. Na apocalíptica, os astros são abalados, os elementos se misturam, nesse caos não há como escapar. É assim que uma total transformação se dá, pois a nova criação é a única esperança.¹⁵
- 4) A apocalíptica apresenta-se em linguagem simbólica, velada. Há sempre uma espécie de “segredo apocalíptico” que não pode ser revelado abertamente, algo visto ou ouvido apenas pelo visionário, o escolhido, e que não lhe é permitido repetir quando volta ao mundo natural (veja Dn 12,4 e Ap 10,4). As bestas, as misteriosas mulheres, os seres de várias cabeças e chifres, os números secretos, são todos símbolos que já ocultam o significado real da mensagem, e alguns deles, deveras, nunca são desvendados.
- 5) A apocalíptica é quase sempre “pseudonímica”. Isso significa que os visionários não costumam revelar suas verdadeiras identidades em seus escritos, antes, costumam atribuir suas viagens celestiais a outros personagens célebres da tradição judaica, como Enoque, Pedro, Moisés, Daniel,¹⁶ ou até ocultam completamente a autoria do texto.

¹⁵ GUNNEWEG, *Teologia bíblica do Antigo Testamento*, p. 338.

¹⁶ *Ibid.*

- 6) A apocalíptica costuma apresentar uma revelação progressiva, gradual. No céu, o visionário visita vários estágios, vários templos, vários céus, vários selos, trombetas ou taças...¹⁷ Na *Divina Comédia*, Dante Alighieri, o poeta italiano da Idade Média, criou uma viagem celestial em que visitou inferno, purgatório e céu, demonstrando que compreendeu essa característica progressiva da apocalíptica judaica e a aplicou à sua poesia em tom apocalíptico. Geralmente, só no estágio mais elevado o visionário vislumbra a glória de Deus.
- 7) A apocalíptica costuma contrapor a magnitude da revelação à fraqueza do visionário. Veja Ez 1,28, Dn 8,26-27 e Ap 1,17, onde os visionários perdem as forças por terem vislumbrado coisas demasiadamente sagradas. Assim, podemos dizer que, na apocalíptica judaica, em geral, quem recebe grandes revelações sofre consequências na própria carne, como a fraqueza física ou a perda dos sentidos.

Apocalíptica no Novo Testamento

Já mencionamos o Livro neotestamentário do Apocalipse de João e sua importância para a tradição apocalíptica em geral. Isso, por si só, nos mostra que a apocalíptica judaica não se limitou ao Antigo Testamento e à produção extracanônica do período interbíblico. No Novo Testamento é possível identificar facilmente os traços de toda essa longa história do profetismo em Israel. Temos em João Batista, por exemplo, alguém que se vinculava à tradição profética para fazer com que sua mensagem fosse recebida de maneira eficaz. No imaginário popular, certamente a visão de um profeta vestido de pelos, mantendo uma alimentação escassa, separado da sociedade, vivendo no deserto e criticando arduamente as estruturas de poder do seu tempo remetia a personagens como o libertador Moisés, o milagreiro Elias, ou o corajoso homem do povo Amós. Mt 24 é outro exemplo inconfundível de como o apocalipsismo ainda estava presente na religião da província da Palestina durante o primeiro século sob dominação romana. Além dele, há inúmeras passagens apocalípticas espalhadas pelas cartas paulinas e deuteropaulinas.

Contudo, se levarmos em conta que a literatura profética se tornou a maior fonte de esperança e também de reivindicações de justiça social para o povo de Israel, será que não podemos identificar influências da tradição profética em quase todos os livros

¹⁷ NOGUEIRA, *O que é apocalipse*, p. 87-91.

neotestamentários e também posteriores? Será que apenas oráculos com anúncios futuristas ou textos cheios de imagens das regiões celestiais devem ser considerados aqui? A verdade é que nos dias de Jesus e também da Igreja cristã primitiva a tradição profética se tornou parte da cultura e não estava mais limitada a alguns videntes que se diziam chamados por Javé para essa missão. No século I, podia-se identificar características proféticas e apocalípticas em diversos movimentos populares de resistência à dominação imperial, dentre os quais o movimento liderado por João Batista e o de Jesus podem ser incluídos. Nas décadas que precederam à guerra judaica contra Roma em 66-70 d.C., por exemplo, nasceram abundantes pretendentes messiânicos ou mesmo líderes bandidos que, reunindo homens que sofriam com a injustiça, manifestavam sua insatisfação de maneira pacífica ou violenta seguindo padrões herdados da apocalíptica judaica. Seja como for, não se pode negar que os séculos marcados pela atuação dos célebres profetas e apocalípticos do Antigo Testamento deixaram marcas permanentes na cultura judaica, e depois, por meio dela, na linguagem religiosa humana.

Paulo como visionário apocalíptico

O último texto a ser visto nesta amostra é 2Cor 12,1-10, um relato de viagem celestial extática que Paulo faz em estilo apocalíptico para provar que não deve nada aos seus rivais quanto às experiências sobrenaturais. Chamamos a atenção para a maneira como o apóstolo enquadrou sua fala nas características da literatura apocalíptica, pois tal compreensão por parte do leitor elimina uma série de problemas interpretativos comuns à passagem:

⁽¹⁾ Em verdade que não convém gloriar-me; mas passarei às visões e revelações do Senhor. ⁽²⁾ Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu. ⁽³⁾ E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) ⁽⁴⁾ foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras indizíveis, de que ao homem não é lícito falar. ⁽⁵⁾ De um assim me gloriarei eu, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas. ⁽⁶⁾ Porque, se quiser gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas deixo isso, para que ninguém cuide de mim mais do que em mim vê ou de mim ouve. ⁽⁷⁾ E, para que me não exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um anjo de Satanás, para me esbofetear, a fim de não me exaltar. ⁽⁸⁾ Acerca do qual três vezes orei ao Senhor, para que se

desviasse de mim. ⁽⁹⁾ E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. ⁽¹⁰⁾ Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando estou fraco, então, sou forte.

Embora tenhamos citado todo o texto, seguiremos destacando apenas os aspectos mais relevantes dele para nosso propósito, que é identificar a influência da tradição profética e apocalíptica no Novo Testamento. Para começar, temos as “visões e revelações” mencionadas no v. 1, que sinalizam ao leitor que a partir desse ponto já não são argumentos comuns os empregados, mas relatos oriundos de experiências transcendentais. Trata-se de uma transição na linguagem da carta, da adoção de um gênero literário típico para expressar a experiência religiosa.

No v. 2, Paulo apresenta um problema para os leitores ao escrever em terceira pessoa, dizendo: “Conheço um homem [...]”. A compreensão óbvia é que ele estaria agora falando de outrem, mas não é o caso. O contexto nos mostra que Paulo está falando de si, gloriando-se, e fica a dúvida sobre a razão dessa mudança de linguagem. A explicação, todavia, não é tão difícil; vimos que os visionários apocalípticos costumam omitir sua identidade, e é o que Paulo faz aqui. Ele não adota outro personagem, não escreve um verdadeiro relato pseudoepigráfico, mas estamos certos de que ele fala em terceira pessoa por ser esta uma espécie de convenção literária de todo texto legitimamente apocalíptico.¹⁸ Assim como não se deve perguntar como os animais podem falar quando se lê um conto de fadas, nem como é possível ouvir a voz das brisas quando se lê um poema, nem como o herói não morre mesmo depois de apanhar tanto em filmes de ação, da mesma forma não se deve perguntar pela identidade verdadeira do visionário quando se está diante de um relato apocalíptico.

Ainda no mesmo versículo, Paulo fala de sua viagem até o terceiro céu. Ora, não precisamos perguntar se realmente existem vários céus, e como seria cada um deles. Essa é uma questão totalmente equivocada, pois essa graduação celestial é também característica típica da literatura apocalíptica, como já vimos anteriormente. Paulo não se importa com os outros céus e não vai nem mesmo tentar descrevê-los, mas certamente quer dizer que foi ao

¹⁸ Esta proposta também foi colocada por Jonas Machado no artigo “Paulo, o visionário:...”, p. 174.

mais alto deles, ao cume. Em resumo: dessa informação deve-se guardar que o visionário foi ao paraíso, o lugar ideal onde tudo o que se pode ver é perfeito.

Quando o visionário finalmente parece que vai descrever o que viu ou ouviu nas regiões celestiais, ele nos decepciona ao dizer que eram “palavras indizíveis”. Eis o chamado segredo apocalíptico, em que o visionário jamais revela tudo o que conheceu. Como observação, a palavra grega *arretos* deve ser traduzida assim, como indizível, algo que não se pode dizer. O problema é que muitas traduções trazem “inefável”, e somos levados a crer que Paulo viu algo que ele não é capaz de descrever. Na verdade, o problema não é a capacidade de Paulo para descrever a experiência, mas a proibição de se revelar o que há no céu. Na verdade, é nisso que consiste o segredo apocalíptico, não em coisas tão belas ou maravilhosas que não encontramos palavras para descrever.

Por fim, há o problemático tema do “espinho na carne”. No v. 7, lemos que tal “espinho” foi-lhe dado “por causa das visões e revelações”. Esse detalhe é relevante: o tal “espinho” era uma consequência dessas experiências, não uma coisa diferente, separada, independente. Paulo não tinha uma doença e uma visão, mas a visão lhe trouxe a doença (isto se o espinho for uma doença). Embora ele não diga o que é realmente esse espinho, não temos dificuldade em reconhecer a linguagem metafórica de Paulo, que, ao falar de espinho, remete provavelmente a algum mal físico, algo enfiado em seu corpo que talvez lhe causasse constante dor. Paulo, novamente ligando-se à tradição apocalíptica, em que todo visionário cai por terra e sofre de alguma fraqueza física em decorrência de sua visão, liga seu mal à visão, assim como se lê em Dn 8,26-27.¹⁹ Ter tal problema é a prova de que Paulo realmente fez tal viagem e viu a glória de Deus. Ele não saiu ileso da presença de Deus, conseqüentemente o leitor pode crer que ele é um verdadeiro visionário apocalíptico.

Conclusão

Eis, pois, nossa breve história da profecia bíblica, que vê o apocalipsismo como um desenvolvimento da profecia clássica de Israel. Nosso intuito foi dar ao leitor uma introdução geral à linguagem e teologia de todo o grande bloco profético do Antigo Testamento, assim como dos textos extracanônicos do período interbíblico e de algumas porções do Novo Testamento. A posse dessa informação, da capacidade de identificar as

¹⁹ Outros detalhes são mencionados em: MACHADO, Paulo, o visionário:..., p. 175-176.

características próprias da profecia e da apocalíptica durante a exegese, serve-nos como instrumento imprescindível para datar e interpretar a literatura bíblica devidamente.

Se há convergências entre os textos religiosos desse grande período da história de Israel, se há uma unidade teológica que liga toda essa tradição literária, diríamos que está na certeza de que Deus está ciente de todas as coisas e supervisiona de sua morada o desenrolar da história humana. Deus, para a tradição bíblica, é um ser perfeito, justo, e espera que os homens o imitem nesses aspectos. Quando a injustiça, a opressão, a desumanidade atinge níveis insuportáveis, então os sensíveis profetas, ou apocalípticos, buscam em sua fé uma mensagem de esperança e veem Deus intervindo para alterar as circunstâncias. O agir de Deus, sempre em favor do mais fraco, muda de acordo com a magnitude dos problemas a serem enfrentados, mas a fé de um novo tempo por parte do povo de fé permanece a mesma. A história da profecia bíblica é, em resumo, uma história de perseverança de um povo sofrido que se apoiou, de geração em geração, na fé em um Deus de caráter justo para, assim, não se acomodar às desumanidades que lhes eram impostas, manter suas esperanças de libertação e continuar vivendo um dia após o outro.

Bibliografia

CROATTO, J. Severino. *Isaias vol I: 1-39; o profeta da justiça e da fidelidade*. São Paulo/São Leopoldo/Petrópolis: Imprensa Metodista/Sinodal/Vozes, 1989.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico; a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2003.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia bíblica do Antigo Testamento; uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

MACHADO, Jonas. Paulo, o visionário: visões e revelações extáticas como paradigma da religião Paulina. In. NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. (org.). *Religião de visionários; apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. *O que é apocalipse*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras; reflexão e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, ano 22, n. 2, p. 107-145, 1982.